

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

TAINARA SCHMITZ

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PRÉ-ESCOLA

CAXIAS DO SUL

2020

TAINARA SCHMITZ

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PRÉ-ESCOLA

Trabalho monográfico apresentado como avaliação para a Graduação em Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter

CAXIAS DO SUL

2020

TAINARA SCHMITZ

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PRÉ-ESCOLA

Trabalho monográfico apresentado como
avaliação para Graduação em Pedagogia
na Universidade de Caxias do Sul.

Caxias do Sul, 17 de Dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter – UCS

Avaliadora: Profa. Dra. Carla Beatris Valentini – UCS

Avaliador: Prof. Dr. Delcio Antônio Agliardi – UCS

Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver.

Ana Beatriz Barbosa Silva, 2012.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e à minha família, pelo apoio diário, para que chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da escrita da minha monografia e da realização do curso de Pedagogia, contei com a ajuda, paciência, apoio de incontáveis pessoas, que gostaria de expressar meu carinho e gratidão.

Agradeço a Deus, por toda coragem, força e saúde, por superar todos os momentos difíceis durante toda minha graduação e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização de toda essa graduação. A estas pessoas estorno aqui meus sinceros agradecimentos.

À minha família por todo o apoio e aprendizado que me transmitiu durante a vida.

À Profa. Dra. Cristiane Backes Welter, minha orientadora, por ter me acolhido tão bem e com suas palavras e ideias fizeram acreditar cada vez mais em mim. Por suas orientações, pelo compartilhar de conhecimentos e material bibliográfico, e pelo carinho e confiança em mim dispensados desde o início dessa parceria.

Quero dedicar esta Monografia a Professora Veranise Feltes Zimmer por todo apoio, dedicação e paciência, e pelo incentivo durante todo o projeto. Sua motivação foi essencial em toda minha monografia. Grata por tudo!

E a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me apoiaram e incentivaram na conquista de mais uma etapa na minha vida.

RESUMO

O principal objetivo da presente monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) é investigar, conhecer e pesquisar sobre a relação da família nas aprendizagens de crianças em idade pré-escolar com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, adotamos a pesquisa bibliográfica. Segundo a temática foi escolhida, tendo em vista que, atualmente, observa-se um crescimento das discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista. Deste modo, a monografia abordará um breve histórico dos primeiros estudos do TEA, pontuando alguns teóricos, como Brito (2015), Cunha (2016), Silva (2012), Montoan (2015), Vasconcelos (2019), e suas ideias, levando a conhecer alguns dos seus sintomas desse transtorno. Também se destacarão as principais características da criança com TEA na educação infantil e as potencialidades das experiências nessa etapa da Educação Básica a partir das contribuições da família. Conclui-se que família é um dos pilares para o processo de aprendizagem de crianças com TEA. Quando a família é apoiada por equipe multidisciplinar, na qual o pedagogo participa, esse mesmo processo de aprendizagem de crianças com TEA é potencializado.

Palavras-chaves: TEA. Pré-Escola. Família.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEITO, HISTÓRIA E RECURSOS DE AVALIAÇÕES DE CRIANÇA COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA.....	10
2.1 Os Sintomas e o Diagnóstico.....	12
2.2 Método ABA - Análise do Comportamento Aplicada diagnóstico	15
2.3 PECS Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras	16
2.4 TEACCH - <i>Treatment and Education of Autistic and related Communication- handicapped Children</i> diagnóstico.....	16
2.5 A Família da Criança com TEA.....	17
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS	20
3.1 Processo de ensino e aprendizagem do aluno autista	26
3.2 A importância de um time multiprofissional no autismo.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A	34

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado nessa monografia será O Transtorno do Espectro Autista na Pré-Escola e a relação da família nas aprendizagens de crianças em idade de pré-escola com o diagnóstico do TEA.

O interesse em pesquisar sobre o TEA se iniciou quando tive contato com um aluno com diagnóstico confirmado. Por ser um transtorno com um território vasto a ser explorado aumentou ainda mais meu desejo pela pesquisa.

O questionamento que orienta a investigação deste Trabalho de Conclusão é: *Qual a relação da família nas aprendizagens das crianças em idade pré-escolar com o diagnóstico do TEA?* Para responder a essa pergunta, formulei o seguinte objetivo geral da investigação que foi desenvolvida ao longo desse semestre: Investigar e conhecer sobre a relação da família nas aprendizagens de crianças em idade pré-escolar com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em seguida foi preciso definir as etapas da pesquisa e, por isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Conhecer e registrar a história do autismo a partir de outras pesquisas já realizadas; Descrever como funciona a intervenção precoce e o atendimento Transtorno do Espectro Autista; Analisar em diferentes pesquisas e estudos já realizados os impactos da relação entre escola, família e a criança com Transtorno de Espectro Autista no desenvolvimento e na aprendizagem dessas crianças.

A monografia será composta de seis capítulos divididos da seguinte forma: No primeiro farei a parte introdutória. No segundo capítulo abordarei o Conceito e a História do Transtorno de Espectro Autista (TEA), os sintomas e as questões relativas ao diagnóstico das pessoas com TEA, além da relação da família. Com certeza a família contribui sobremaneira para o processo de aprendizagem de crianças com TEA. Mas a família contribui somente com seu apoio afetivo? A criança em idade pré-escolar precisa da família por ser compreendida como um suporte incomparável para o seu desenvolvimento humano. Será que a família precisa de apoio de equipe multidisciplinar para compreender e auxiliar no processo de aprendizagem de crianças com TEA? Portanto, discuto esses aspectos no segundo capítulo.

O terceiro capítulo aborda os Caminhos Metodológicos Percorridos,

permitindo ao leitor compreender quais foram as decisões e o material escolhido para a pesquisa bibliográfica. O estudo foi realizado a partir das teses publicadas nos últimos anos, de 2000 a 2020 referente a temática do TEA e o papel família. A partir dessa investigação, também se destacará as principais características da criança com TEA na educação infantil, famílias e apoios multidisciplinares que colaboram para inclusão e desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA.

2 CONCEITO, HISTÓRIA E RECURSOS DE AVALIAÇÕES DE CRIANÇA COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um termo que contempla dentre outras manifestações, o autismo. Nos dias atuais é muito utilizado o termo TEA, contudo, requer um conhecimento mais específico que esclareça sobre o conceito, as características e dificuldades encontradas na pessoa com esse transtorno.

Segundo Brito (2013), o conceito de TEA ainda é novo e pouco compreendido. O comum são as pessoas utilizarem a expressão “autista” para designar todas as variações do TEA. No entanto, como o TEA não se manifesta de uma única forma, o adequado é utilizar o termo TEA e compreender que, na verdade, este espectro é caracterizado por possuir variações que “transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso” (SILVA et all, 2012, p. 64).

O termo Autismo tem origem grega (autós), que significa: por si mesmo. Termo utilizado pela psiquiatria, para nomear o comportamento humano que se concentram em si mesmo, retornado para o próprio indivíduo.

Criada por Eugene Bleuler, em 1911 a palavra “autismo”, faz referência a um sintoma da esquizofrenia, um dos traços da psicose. Segundo Rodrigues:

[...] Bleuler propõe uma “ausência da realidade”, com o mundo exterior, e, conseqüentemente, impedimento ou impossibilidade de comunicar-se com o mundo externo, demonstrando atos de um proceder muito reservado. (2010, p. 19).

Porém, os primeiros estudos sobre o autismo deu início em 1943, pelo psiquiatra americano Leo Kanner quando descreveu por meio de um artigo, um estudo baseado em 11 crianças que apresentavam características individualizadas em relação às demais síndromes. Kanner nomeou inicialmente como “distúrbio autístico do contato afetivo”, analisando no comportamento um “afastamento social” desde o nascimento. Também observou alguns sintomas que surgem precocemente.

Kanner, em 1949, refere-se ao quadro com o nome de Autismo Infantil Precoce, evidenciando serias dificuldades de contatos com pessoas, ideia fixa em manter os objetos e as situações sem varia-los, fisionomia inteligente, alterações na linguagem do tipo inversão pronominal, neologismo e metáforas. (RODRIGUES, 2010, p. 18).

Kanner identificou que os sintomas do TEA eram primários, e diferentes das diversas psicoses infantis, como a Esquizofrenia Infantil. Mas devido aos trabalhos publicados por Eugene Bleuler, ocorreu uma dificuldade em distinguir o diagnóstico do autismo.

Para sanar essa dificuldade, outros pesquisadores desenvolveram estudos partindo da concepção de Kanner com algumas transformações como: relacionando o autismo a um déficit cognitivo e social; considerando-o não uma psicose e sim um distúrbio do desenvolvimento; apresentando mais sintomas; e não concluindo o conceito do TEA. Já a OMS considera que a palavra autismo significa:

O autismo é definido pela Organização Mundial de Saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatados, isto é, que necessitem do mesmo tipo de atendimento (MANTOAN, 1997, p. 13).

Não há um conceito previamente estabelecido do autismo, pois sempre está em constante modificação. Portanto, esse distúrbio do desenvolvimento apresenta uma série de sintomas e dificuldades que prejudicam na interação social, comunicação e realização de atividades. Portanto, utilizo a expressão “Transtorno de Espectro Austista” – TEA em meu trabalho.

Os primeiros sintomas do TEA aparecem em geral nos três primeiros anos de vida, já que é uma síndrome que se caracteriza por apresentar um agrupamento de sintomas que envolvem o comprometimento de três áreas básicas.

Segundo Brito (2015, p.82)

O autismo é uma síndrome complexa que afeta três importantes áreas do desenvolvimento humano que é a comunicação, a socialização e o comportamento.

Diante disto, existem desafios do ensino e da aprendizagem do TEA na educação infantil, como a carência de transmissão de conhecimentos, a interação social e comportamental na escola.

Devido à complexidade desta síndrome, conforme Cunha, (2016, p. 23).

Pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Isto porque o autismo varia em grau de intensidade e de incidência dos sintomas. Tal heterogeneidade tem levado a revisão das diretrizes para o seu diagnóstico, inclusive com a mudança da nomenclatura para “Transtorno do Espectro Autista”.

Mas, por outro lado, podem apresentar incríveis habilidades motoras, musicais, de memória e outras, que muitas vezes, não estão de acordo com sua

idade cronológica, apresentando-se bem mais adiantada do que deveriam estar.

Jean Piaget (2007) estudioso do desenvolvimento cognitivo, principalmente em crianças, afirmava que o indivíduo é um componente ativo no processo de aprendizagem, ou seja, o sujeito estabelece seus conhecimentos através das suas ações, Essa compreensão poderá ser diferenciada as crianças com TEA , o seu desenvolvimento se dá de uma forma diferente e não padronizada.

Uma criança que é considerada “normal”¹, desde pequena já responde aos estímulos internos, por exemplos o choro quando está com fome ou dor. Já a criança com autismo podera não transmitir essa mesma reação, quando ela se isola do ambiente social.

A ausência do comportamento que representa dor, perigo e medo nas crianças autistas é despercebida. O desenvolvimento emocional é confuso, surgem sorrisos inesperados. Parecem ter uma capacidade restrita para exprimir afetos e entender emoções. (RODRIGUES, 2010, p. 22)

Portanto a criança com TEA poderá não conseguir ter uma interação social ou poderá apresentar comportamentos agressivos, ou, também, inibir a comunicação verbal.

É por meio da linguagem que o indivíduo realiza sua interação social e cultural, avançando em seu envolvimento social e definindo sua própria identidade. Todavia, é na linguagem e, portanto, na comunicação, que se concentra uma das dificuldades para as pessoas com autismo, uma vez que poucas desenvolvem habilidades para a conversação, embora muitas desenvolvam habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais de comunicação. (ORRÚ, 2012, p.185)

Assim sendo, o TEA é um transtorno complexo, pois apresenta uma variedade de sintomas, dificultando encontrar seu verdadeiro conceito. É possível perceber que vem sendo estudado por muitos pesquisadores e caracterizado por diversas teorias que tentam explica-lo. O seu conceito foi ampliando, admitindo-se hoje que existem diferentes graus de TEA.

2.1 Os Sintomas e o Diagnóstico

No passado acreditava-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) estaria relacionado com os genes dos pais, mas isso não foi comprovado, pois ainda não se

¹ É aquela criança que não está causando nenhuma preocupação quanto ao seu desenvolvimento ou emitindo algum sinal de alerta de que algo não está bem com ela.

sabe qual gene origina o autismo, com isso se torna difícil afirmar qual é o causador de tal transtorno, descartando a possibilidade de que a síndrome seja hereditária.

Os especialistas defendem que alguns cuidados não podem ser descartados durante o período da gestação, minimizando assim as chances de que se ocasione o TEA nos fetos, havendo suspeitas de que possa haver relação entre fatores ambientais, uso de drogas, entre outros. Sugere-se que as gestantes façam acompanhamento adequado no período gestacional, evitando bebidas alcoólicas, cigarros, substâncias tóxicas e uso de medicamentos que podem trazer alguma alteração na formação da criança.

Para que possamos compreender melhor a criança com TEA, é necessário entender o seu jeito de pensar, de se relacionar e agir, procurando enxergá-lo como alguém que apresenta modos diferentes e, por isso, necessita ser respeitado.

Segundo Silva et al (2012), os neurônios (células nervosas) das crianças com TEA estariam com seu funcionamento comprometido, “[...] não funciona como uma unidade coesa”, (ligada), mas se reflete de maneira contrária ao seu comportamento. Podemos dizer que, nas pessoas com TEA a ativação dos neurônios-espelho não acontece. Os neurônios são ativados quando o indivíduo com TEA faz a ação, mas não são ativados quando este sujeito observa uma ação de outra pessoa (SILVA et al, 2012, p.87). Ainda de acordo com os mesmos autores, outra habilidade que as crianças com TEA não conseguem perceber são as características comportamentais e faciais das demais pessoas e, por isso, demoram a interagir por não compreender as intenções, as sensações, as emoções e as atitudes delas.

Pesquisas também revelam que as crianças com TEA não conseguem “juntar partes de informações para formar um todo”, ou seja, elas não entendem como esse todo acontece, pois, centralizam sua atenção nos detalhes, sem levar em conta o contexto histórico da atual situação onde está inserido(SILVA et al, 2012, p.129).

Diante de tudo isto, o diagnóstico das crianças com TEA é realizado através do seu histórico de vida, e da observação do seu comportamento. Para que o diagnóstico seja bem elaborado se faz necessário que os pais ou cuidadores, não percam nenhum detalhe da vida da criança, repassando todas as informações aos especialistas.

O diagnóstico é o resultado de um longo e minucioso acompanhamento de rotinas dessas crianças com TEA. Por isso, na etapa da Educação Infantil, normalmente encontramos poucos diagnósticos fechados pelas equipes que fazem acompanhamento da criança com TEA.

Atualmente alguns recursos ainda se encontram sob avaliação, mas que já se tornam um referencial bastante utilizado para ajudar nesse diagnóstico. São eles: A Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA), o Inventário de Comportamento Autístico (ABC) e o Questionário de Verificação do autismo (ASQ) São considerados recursos que podem ser muito úteis nessa avaliação diagnóstica, complementando o acompanhamento e avaliação diagnóstica processual.

Caso os pais de crianças com TEA forem bastante observadores, é possível perceber os primeiros sintomas das crianças desde muito cedo, a partir dos estímulos nos primeiros meses de vida do bebê e ao longo do seu desenvolvimento. Porém, o diagnóstico com profissionais da área, pode ser obtido em torno dos 3 anos de idade. Para esse diagnóstico, os pais, cuidadores ou familiares serão os principais canais de comunicação e informação e que ajudarão aos profissionais a construir um bom diagnóstico, pois qualquer detalhe é indispensável para melhor conhecer a criança observada.

Segundo Silva et al (2012), “cada criança tem maior ou menor facilidade com alguma área”, e será nesse ponto que os profissionais irão desenvolver sessões à serem trabalhadas com a criança “ sempre com o foco em avanços para outras etapas”(SILVA, 2012, p. 157). Uma das principais características do TEA é a falta de interesse com o social, tornando-se bastante difícil sua comunicação verbal e não verbal, podendo gerar a falta de interesse em determinados assuntos.

As crianças com TEA têm seus próprios interesses e as características de seus movimentos parecem repetitivos e estereotipados. Alguns pulam, balançam o corpo para frente e para trás, balançam as mãos, batem palmas, fazem caretas ou ficam incessantemente vislumbrada, observando um único objeto, manifestando preferências exageradas por trens, aviões, dinossauros, bandeiras, carros e outros. Por não interagir com os demais, tem dificuldades em participar de grupos e fazer planejamento de longo prazo. Existem também aqueles que seguem uma rotina e se forem contrariados, logo sentem-se irritados (SILVA et al, 2012, p.26). A socialização para essas crianças que apresentam TEA é de tamanha importância, pois, faz com

que eles desenvolvam uma área comprometida do seu cérebro, que os impedem de interagir com os demais e os fazem viver em seu "mundinho" de partes separadas.

A socialização de crianças com TEA tende a ser restrita, evitam o toque, o olhar, a relação. Dessa forma, é essencial a relação da família e da escola em buscar a interação da forma mais tranquila, sem obrigar a criança com TEA. Quando ela aceita interagir, significa uma quebra imensurável de paradigmas (SILVA et al, 2012, p.15). Diante das dificuldades de socialização, crianças com TEA têm “pouca curiosidade social e por isso não aprendem a relatar acontecimentos de forma espontânea”. Por não saberem relatar sobre seus acontecimentos diários, não entendem quando são vítimas de agressões físicas ou verbais, e essa falta de entendimento se dá pela incompreensão de não perceber as intenções das pessoas e suas reais ações (SILVA et al, 2012, p.22).

Busco destacar agora principais recursos de avaliação da criança com TEA na educação infantil. Apresentarei o método ABA - Análise do Comportamento Aplicada; o método PECS - Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras e o método TEACCH, que é um modelo criado no final da década de 1960, na Universidade da Carolina do Norte (UNC), nos Estados Unidos, chamado Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação, que colaboram para inclusão e desenvolvimento da aprendizagem nos próximos subtítulos.

2.2 Método ABA - Análise do Comportamento Aplicada diagnóstico

Conforme leitura realizada na Revista Autismo², ABA é uma sigla que vem da língua inglesa que significa *Applied Behavior Analysis*, ou, em português, análise do comportamento aplicada. Esse método é considerado a forma de intervenção mais bem-sucedida para crianças com algum desenvolvimento atípico, por isso é indicado àquelas com transtorno do espectro autista. Esse tipo de terapia ajuda a compreender 3 questionamentos básicos: Como o comportamento funciona? De que forma o comportamento é afetado pelo meio em que a pessoa vive? Como ocorre o aprendizado?

²Revista acessada no dia 17/10/2020, <https://www.revistaautismo.com.br/artigos/aba-e-o-ensino-da-fala>.

A partir desses questionamentos, o método busca trabalhar o impacto da condição autista em situações reais. O objetivo é fazer os comportamentos desejáveis e úteis serem ampliados e diminuir aqueles que são prejudiciais ou que estão afetando negativamente o processo de aprendizagem. Segundo Silva et al (2012)

Isso envolve criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada (SILVA et al, 2012, p. 104).

Dessa maneira, a repetição é algo importante para esse tipo de abordagem, pois as ações negativas como as birras, não são recompensadas para que não sejam valorizadas e reforçadas. Desse modo, o comportamento negativo tende a desaparecer, pois não alcança o objetivo.

2.3 PECS Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras

Temos também o modelo de intervenção que é o sistema de comunicação por Troca de Figuras (PECS - Picture Exchange Communication System), é um sistema para ajudar pessoas de várias idades que não conseguem se fazer entender através da fala, ou que têm uma fala muito limitada. Ou seja, o PECS é uma comunicação aumentativa e alternativa, e que equivale à voz da criança e que tem a função de estimulá-la através de exercícios que reprogramam comportamentos para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados. É um tratamento que estimula a criança a aprender, utilizando técnicas para que se sintam bem em praticá-las. Neste método, a criança estimulada oferece ao professor ou responsável por ela, a figura correspondente à ação desejada, facilitando assim, a comunicação entre ambas.

2.4 TEACCH - *Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children diagnostic*

O método TEACCH³ é um modelo de intervenção onde é possível avaliar a criança e identificar seus pontos fortes e seus interesses, assim como as dificuldades. A partir daí, é possível desenvolver um programa individualizado.

³ Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children

Esse método dá a estrutura e a organização necessária para que a criança com TEA compreenda o seu ambiente e tenha autonomia em casa, no trabalho e na escola. Para Silva et al:

É um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas, transformando-as em” estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver (SILVA et al, 2012, p. 153).

O Programa TEACCH procura entender como a criança com TEA pensa, vive, aprende e responde ao ambiente, a fim de promover aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade (FONSECA; CIOLA, 2014). Seu principal objetivo é ajudar a criança com TEA a se desenvolver da melhor maneira, de modo a atingir o máximo de autonomia na idade adulta. A independência é uma das principais preocupações do modelo TEACCH na ideia de que quanto menos a pessoa ficar monitorada por alguém, melhor para sua autonomia e qualidade de vida

A partir do detalhamento dos três tipos de recursos para a avaliação de crianças com TEA é necessário sinalizar como a família recebe esses diagnósticos e quais as possibilidades de ação frente ao mesmo.

2.5 A Família da Criança com TEA

Para muitos pais quando recebem o diagnóstico com a comprovação de que seu filho tem Transtornos do Espectro Autista (TEA) é difícil eles aceitarem, pois eles precisam fazer uma transformação radical em suas vidas, ter o suporte da família e da escola é essencial nessa fase, além de uma equipe multiprofissional como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais etc.

Silva et al (2012) cita algumas sugestões que deveriam ser seguidas pelos pais e familiares, sobretudo no que tange a integração, o cuidado e a rotina da criança com TEA, como: zelo, paciência, fiscalização, persistência, disciplina e criatividade.

Para esses autores são atividades que promoverão mudanças adequadas para o desenvolvimento da criança com TEA. Além disso, destaca que é muito importante a presença desses profissionais especializados para ajudarem os pais, fazendo um levantamento sobre os comportamentos e o desenvolvimento da

criança, podendo assim, direcionar a criança para desenvolver a sua própria independência.

A criança com TEA precisa entender e aprender a ler o mundo a sua volta, uma vez que, as mesmas sofrem de um “conjunto de sintomas, com alteração em três áreas específicas: a socialização, a linguagem/comunicação e o comportamento”, (SILVA et al, 2012, p.60).

São muitos os desafios para a família de crianças com TEA, Silva et al (2012) cita algumas dicas de como os pais poderão proceder, caso ocorra durante esse processo, algumas birras ou teimosias e orienta os pais que nem sempre é bom punir o filho, mas, valorizar as ações realizadas pela criança. Ações ou atitudes negativas não devem ser salientadas para que não sejam reforçadas.

Mas as boas ações devem ser estimuladas, destacadas, para que sejam repetidas pela criança. É importante lembrar que cada caso é único, portanto, o que funciona para determinada criança pode não funcionar para outra.

É importante a família buscar informações em grupos de apoio, escolas, profissionais especializados ou até mesmo em experiências com outros pais que vivem a mesma situação. Também é necessário inserir a criança com TEA nas rotinas domésticas e esportivas para que a mesma comece a vivenciar experiências sociais e familiares.

Com base em Carothers e Taylor (2004), o objetivo da educação de uma criança com TEA é o de aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares. Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa.

A família é a primeira instituição ou estrutura com a qual a criança conecta, logo que nasce. É dela que recebe amor e afeto bem como a educação. A educação está confiada, em primeira instância, à família que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa. É ela que transmite os valores morais e sociais que permitirão a socialização da criança assim como as tradições e costumes que são preservados pelas gerações.

É na família que o indivíduo começa a trabalhar a sua autonomia dependendo esta da atitude dos seus membros. Alguma família quando se deparam com o fato poderão adotar de ter uma criança com problemas de desenvolvimento à primeira

atitude a favor da autonomia dessa criança e do seu desenvolvimento: é a aceitação de suas reais capacidades, por mais difícil que possa ser. A família deverá estar consciente e disponível para ajudar nas tarefas escolares e outras ações do cotidiano, contribuindo, assim, para a sua segurança, auto estima e socialização. Habilidades para o dia a dia, no ambiente natural, nem sempre são possíveis. Fazer tarefas simples do dia a dia, como comer sozinho, usar o banheiro, escovar os dentes, fazem muita diferença na qualidade de vida. Por isso, é importante que os pais trabalhem pela independência de seu(sua) filho(a) com TEA.

É preciso que incentive a criança a se vestir sozinha, se servir, comer, beber e assim por diante. Com esses estímulos a criança sente a necessidade de falar desenvolvendo sua oralidade. Isto deve ser feito com calma, levando em consideração que o desenvolvimento da criança com TEA é diferenciado. Sempre é importante elogiar cada avanço alcançado. A participação dos pais é muito importante no processo de aprendizagem da criança com TEA, bem como do incentivo ao convívio social. Os pais devem fazer passeios com seus filhos, preferencialmente em lugares públicos, onde as crianças possam brincar livremente, caminhar e ter contato com outras crianças. É importante que toda atividade seja planejada anteriormente, e que os pais estejam certos de que terão a situação sob controle para não serem surpreendidos por imprevistos.

A criança com TEA necessita de acompanhamento familiar e especializado, pois seu desenvolvimento acontece de maneira lenta e exige paciência por parte dos pais e dos educadores. É preciso que os familiares dispensem atenção e estejam presentes em todos os momentos da vida da criança para que ela se sinta amada e valorizada. O processo de aprendizagem de uma criança com TEA leva tempo, por isso requer calma e empenho. A educação é umas das maiores ferramentas para o desenvolvimento de uma criança com TEA. Através da educação essas crianças podem aprender tanto conhecimentos acadêmicos, quanto atividades do cotidiano. A aprendizagem da criança com TEA exige dedicação e amor para que estas crianças possam alcançar uma vida mais independente e com qualidade.

Da análise de todas as informações recolhidas concluímos que a família tem, de fato, um papel determinante no desenvolvimento da autonomia e socialização da criança com TEA jovem, podendo, através da diversificação de experiências, promover a aquisição de um elevado grau de autonomia, o que se vai refletir,

positivamente, em todos os aspectos da sua vida. Por outro lado, se a família adotar uma postura superprotetora, poderá condicionar a aquisição de autonomia, o que será prejudicial a criança com TEA.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Este trabalho foi elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTB⁴, pois de acordo com Gil (2002, p.44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A vantagem desse tipo de pesquisa é de colocar o pesquisador em contato com materiais já publicados permitindo um enriquecimento do tema da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Conforme os autores citados acima, a pesquisa bibliográfica vai além de apenas descrever aquilo que já foi escrito, pois esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador analisar de forma mais criteriosa trabalhos já publicados, permitindo, dessa forma, um conhecimento científico maior com conclusões inéditas, levando ao pesquisador uma interpretação própria do tema e do objeto pesquisado.

Demo (2000), completa a ideia de que pesquisa bibliográfica permite induzir o contato pessoal do acadêmico pesquisado com as teorias, por meio da leitura, levando à interpretação própria.

Nessa pesquisa foi usada como base a pesquisa bibliográfica que permitiu criar revisões de pesquisas e de trabalhos já antes descritos. Dessa forma, houve uma maior possibilidade de acesso às experiências de autores que já pesquisaram

⁴ <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Encontra-se pesquisas de teses e dissertações já existentes sobre família e autismo.

sobre o tema TEA, pois segundo Silva et al., (2002), a revisão bibliográfica não é imparcial, porque permite o relato de outros trabalhos, a partir da compreensão do pesquisador sobre como os outros fizeram.

A pesquisa bibliográfica de teses e dissertações publicadas sobre o tema do TEA diretamente vinculada com a temática à família tornou-se um caminho para compreender o que já tinha sido estudado e pesquisado sobre a relação da família com a criança com TEA. A resposta da pergunta de pesquisa poderá contribuir para que um maior número de pessoas compreenda a importância da família da criança com TEA e da intervenção precoce. Além disso, acredito que esse trabalho possa auxiliar em pesquisas futuras que estejam relacionadas ao TEA, ou ao estudo de famílias de crianças com TEA, pois quando recebem o diagnóstico, precisando se reorganizar emocionalmente e financeiramente para oferecer os acompanhamentos necessários de especialistas para o desenvolvimento de seu(ua) filho(a).

A busca iniciou-se das Teses e Dissertações publicadas sobre o tema na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -BDTB⁵ com os descritores “autismo” e “família”. Essa pesquisa inicial resultou em cento e sessenta e três resultados, entre teses e dissertações. Procurei restringir a pesquisa, optando filtrar somente aqueles que continham os descritores “autismo” e “família” no título. Obtendo dezesseis resultados, sendo uma tese e quinze dissertações como que pode ser consultado no Quadro 1 abaixo:

QUADRO 1: AUTISMO EM PUBLICAÇÕES DA BDTD, 2000 até 2020.

Título	Ano	Autor	Instituição	Nível
Relações familiares e habilidades sociais de irmãos de indivíduos com transtorno do espectro autístico estado comparativo	2007	Aline Beatriz Silva Feltrin	Universidade Federal de Santa Maria	Dissertação

⁵ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico

Suporte Social e qualidade de vida em famílias de crianças de espectro autístico	2010	Milene Rossi Pereira Barbosa	Universidade de São Paulo	Dissertação
Qualidade de vida e autismo de alto funcionamento de percepção: da criança, família e educador	2010	Marília Penna Bernal	Universidade de São Paulo	Dissertação
Comunicação e qualidade de vida em famílias de crianças com distúrbio do espectro do autismo	2013	Fernanda Dreuse Miranda Fernandes	Universidade de São Paulo	Dissertação
Estresse e percepção de suporte familiar em mães de crianças com autismo	2013	Kátia Carvalho Amara	Universidade Federal do Pará	Dissertação
Trajetórias escolares de alunos com transtorno do espectro autista e expectativas educacionais das famílias	2014	Mariana Valente Teixeira da Silva	Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Ciências Médicas	Dissertação
Relação família-escola no contexto da inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista	2014	Cristiane Soares Cabral	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Dissertação
Autistas em idade adulta e seus familiares recursos disponíveis e demandas na vida cotidiana	2015	Fernanda Duarte Rosa	Universidade Federal de São Carlos – Câmpus São Carlos	Tese
Transtornos do espectro do	2016	Lucas Silveira	Universidade	Dissertação

autismo, estratégia saúde da família e tecnologias de cuidado na rede SUS		da Silva	do Ceará	
Intervenção centrada na família: influência nas habilidades comunicativas e interativas da criança com transtorno espectro autista e no empoderamento parental	2016	Jéssica Jaíne Marques de Oliveira	Universidade de Santa Maria	Dissertação
Famílias de crianças autistas compreendendo a participação e os desafios por meio do olhar paterno	2016	Aline Cristina de Souza	Universidade Federal de São Carlos – Câmpus São Carlos	Dissertação
Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos e de familiares	2016	Ana Carla Vieira	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Dissertação
Trajetória familiar após diagnóstico e os direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista-TEA	2017	Rosana Panomavenco	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Dissertação
Investigando a resiliência em família de crianças autistas	2018	Brenna Braga dos Anjos	Universidade de Fortaleza	Dissertação
Fonoaudiologia e saúde mental escuta clínica na perspectiva de profissionais e	2019	Luiz Augusto de Paula de Souza	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Tese

familiares de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial Infantil Juvenil				
Qualidade de vida famílias que têm filhos com deficiência intelectual leve associada ao transtorno do espectro autista leve	2020	Marcela Cesaretti Brerililli	Universidade Federal de São Carlos – Câmpus São Carlos	Dissertação

Fonte: construído pela autora (2020)

A partir desta pesquisa, foi realizada a leitura dos itens destacados no quadro 2 que se encontra no apêndice A e foi possível identificar que, dos nove resultados de teses e dissertações sobre “autismo” e “família”, duas dessas pesquisas estavam ligadas diretamente com o assunto desta monografia. Portanto, foi feita a leitura completa dessas duas publicações para elencar como as mesmas poderiam contribuir para responder à questão de pesquisa dessa monografia.

A dissertação de Silva (2014), que é a quarta elencada no quadro 2, ressalta que o TEA causa impacto relevante nas famílias, que precisam adaptar planos e expectativas às condições de desenvolvimento da criança, inclusive aqueles relacionados à escolarização. Devido a essas mesmas características, a inclusão dessas crianças com TEA na escola regular torna-se difícil.

Essa dissertação teve como objetivo estudar a escolarização dos sujeitos com TEA no município de Campinas/SP. Trata-se de um estudo descritivo que analisou os micro dados do Censo Escolar do INEP, de 2009 a 2012, buscando identificar os alunos com TEA matriculados no município citado anteriormente, bem como mapear as trajetórias de escolarização das crianças com TEA. Também foram entrevistados 18 familiares de sujeitos com TEA que frequentavam uma instituição especializada no município, para conhecer as percepções das famílias em relação à trajetória escolar desses sujeitos. Os resultados apontam um decréscimo de matrículas de crianças com TEA no município nos anos estudados. Foram identificados diferentes tipos de trajetórias escolares: a mais frequente foi à trajetória parcial, em que as matrículas não aparecem em todos os anos do período analisado, sugerindo alto

índice de evasão escolar das crianças com TEA. Os depoimentos dos familiares, de maneira geral, apontam para a contribuição positiva da escola, porém indicam problemas como permissividade da escola para com as crianças com TEA e influência do grau de comprometimento do transtorno.

Silva (2014) aponta como resultados a importância da escolaridade inicial das crianças com TEA. Os dados coletados nas entrevistas com os familiares indicam também uma contribuição da escola para o processo diagnóstico e apoios terapêuticos. Muitas vezes a criança ingressa na escola antes de qualquer suspeita da família. Quando a criança com TEA frequenta o ambiente escolar, os professores e demais profissionais percebem dificuldades de interação e déficits de comunicação, alertando a família e, frequentemente, realizando encaminhamentos necessários. Assim, o processo de escolarização é de extrema importância para o desenvolvimento geral da criança com TEA, não somente para a sua aprendizagem, devendo ser iniciado o mais precocemente possível. Pode-se apontar aqui um importante papel de criança com TEA: a famílias quanto à inserção da criança na escola.

O segundo estudo é de Cabral (2014), estando em quinto lugar na tabela no quadro 2, e teve como objetivo investigar a relação entre a família e a escola frente ao processo de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e transversal, da qual participaram mães, pais e professoras de quatro crianças com diagnóstico de TEA. As mães responderam o Questionário sobre os Dados Sociodemográficos da Família e a Ficha de Dados sobre o Transtorno do Espectro Autista, além da Entrevista sobre a Inclusão Escolar de seu/sua filho/a com TEA, assim como os pais. As professoras responderam a uma Entrevista sobre seu Trabalho com Crianças com TEA. A análise de conteúdo revelou que a relação entre os pais, às professoras e a escola ocorre, muitas vezes, a partir de uma situação problema com a criança no contexto escolar. Além disso, percebeu-se que poucas escolas trocam informações e conhecimento com os pais de forma sistemática.

Segundo Cabral (2014) pode-se verificar que o relacionamento entre pais e professores está trazendo benefícios para a criança com TEA. A troca de experiências e de ideias e o esclarecimento de dúvidas com vistas à singularidade de cada criança é muito importante para o seu desenvolvimento, uma vez que gera

tranquilidade dos pais em deixar seu filho na escola motivação para o professor realizar o seu trabalho. No entanto, percebeu-se que esta relação ainda está calcada em um diálogo que emerge de uma situação problema com a criança. A construção conjunta sobre como trabalhar e apoiar o processo de ensino-aprendizagem de criança com TEA ainda precisa ser sistematizada.

Após realizar a leitura e pontuar os destaques das duas dissertações elencadas para a leitura completa, é possível estabelecer duas categorias de análise que foram construídas após o estudo das dissertações de Silva (2014) e Cabral (2014). A primeira categoria é o processo de Ensino e Aprendizagem da criança com TEA. A segunda categoria é a Equipe Multiprofissional. Busco aprofundar o estudo a partir da análise dessas duas categorias que passo a apresentar nos subtítulos que seguem.

3.1 Processo de ensino e aprendizagem do aluno autista

O processo de ensino aprendizagem da criança com TEA refere-se à busca por atitudes, maneiras e formas de como essas crianças podem interagir/conviver em sociedade. Muitas ações podem ser realizadas pela criança com TEA. A principal é acreditar que ele tem potencial para aprender.

A aprendizagem de criança com TEA é cercada por muitos desafios para pais, professores e demais profissionais envolvidos neste processo, pois cada criança tem a sua realidade e vivência. É necessário valorizar o seu potencial e viabilizar a aquisição de novos conhecimentos, integração social e desenvolvimento de novas habilidades. Para que a criança com TEA possa atingir o seu potencial e desenvolver-se, a escola precisa reformular sua estrutura e planejar novas formas de ensinar, a fim de que haja de fato a inclusão da criança com autismo.

Quando a criança com TEA entra na escola, um sentimento de insegurança surge nos professores, seja pelo despreparo ou medo de lidar com esse desafio. Assim, o primeiro passo é refletir que esse discente precisa ser incluído e não integrado ao sistema escolar. De acordo com Teresa Mantoan (2015) existe uma diferença entre esses dois termos:

A integração escolar pode ser entendida como justaposição do ensino especial ou regular, ocasionando um inchaço dessa modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas comuns. Quanto à inclusão, questiona não somente as

políticas e a organização da educação especial e da educação comum como também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos devem frequentar as salas de aula do ensino regular. (MANTOAN, 2015, p. 27,28).

Segundo Vasconcelos (2019), as lutas pela aprendizagem são várias e contínuas. Uma das principais marcas poderá situar-se na autoestima. Um exemplo é a vergonha delas ao verificarem que o que é tão simples para os colegas não é para elas. E mesmo aquelas tarefas que parecem triviais do dia-a-dia, podem se pesadelos constantes, inibidoras das qualidades que, porventura, elas possam possuir.

Diante desses desafios, a escola deve, constantemente, traçar estratégias pedagógicas e de inclusão, a fim de trabalhar a diversidade em sala de aula, valorizar os avanços de cada criança e de potencializar a autoestima, além de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem. Esses desafios só são possíveis de serem vencidos através do apoio de uma equipe multidisciplinar, transdisciplinar, auxílio médico, terapêutico e com mediação em sala de aula.

Conhecer as características individuais de uma criança com TEA torna-se o primeiro passo para traçar estratégias de aprendizagem e avaliação do mesmo, pois é a partir das necessidades pessoais, da sua realidade e das vivências, que é possível proporcionar novas oportunidades de experiência e novos conhecimentos.

A aprendizagem de crianças com TEA ainda é um desafio para muitos, pois requer o conhecimento personalizado de como o cérebro aprende, quais são as suas capacidades e suas limitações. Com isso, traçar estratégias terapêuticas e curriculares que favoreçam o aprendizado, além de contribuir para a diminuição da ansiedade, é uma boa alternativa de adaptações curriculares a partir de vivências e das habilidades já adquiridas.

A Neuropsicopedagogia é uma grande aliada na aprendizagem destes alunos por se tratar de uma ciência transdisciplinar, contribuindo para o seu progresso. Após uma avaliação Neuropsicopedagógica, é possível obter dados da criança com TEA e realizar um planejamento de atividades e métodos que favoreçam aprendizagem, bem como também poderá auxiliar professores, pais e mediadores para a realização de adaptações curriculares e monitoramento dessa aprendizagem.

Juntamente com o trabalho docente, necessitamos da participação familiar. Ela é substancial e a escola precisa desse elo para efetivação da inclusão da

criança com TEA. Quando ocorre sua união é importante que as práticas utilizadas em casa estejam em consonância às da escola, para que essa criança vivencie situações coerentes e contextualizadas. Sendo assim:

É muito importante que haja uma parceria entre familiares e escola, pois os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar bastante com o planejamento das intervenções educacionais das crianças portadoras de autismo, especialmente pela peculiaridade da forma de comunicação dos portadores dessa síndrome (SERRA, 2004, p. 25).

Portanto, a inclusão das crianças autistas, é um desafio, contudo não é impossível, e, por isso, deve ser pensada e repensada, visto que eles têm total potencial a ser desenvolvido, desde que os envolvidos estejam dispostos a concretizar o processo inclusivo. Para mais, na escola, a base para promoção de qualquer objetivo educacional é o vínculo afetivo: essencial para existência de um padrão de qualidade que engloba e respeita as diversidades, isso é a verdadeira inclusão.

3.2 A importância de um time multiprofissional no autismo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de um transtorno que afeta diferentes áreas do desenvolvimento humano, como a linguagem e a fala, além das habilidades cognitivas e comportamentais. Uma equipe multiprofissional é a melhor forma de realizar a intervenção.

A parceria entre diversos profissionais (alguns essenciais e, outros, opcionais e escolhidos por cada família) é a base da intervenção. Sem essa parceria, dificilmente as metas serão atingidas.

O TEA se manifesta e se desenvolve de formas diferentes. Cada pessoa terá características em comum com o quadro geral, mas também únicas como indivíduo portanto, as opções de intervenção devem ser analisadas como únicas. Nesse sentido, um time multiprofissional poderá ter maior capacidade e mais condições de analisar as diferentes opções de abordagens e as que mais se adequem àquela criança e sua família e ao momento em que se encontram.

Sendo assim, no tratamento do TEA por uma equipe multiprofissional, o objetivo comum será a melhora progressiva da qualidade de vida daquela criança com TEA, sendo cada área abordada pelo profissional a que compete em sua especialidade.

Com uma equipe multiprofissional, a interação entre todos os profissionais ajuda na concepção de um tratamento que integre as especialidades, de acordo com as necessidades de cada pessoa. Essa equipe deve ser construída de forma progressiva, de acordo com a identificação de sintomas e possíveis intervenções.

Para as intervenções especializadas em TEA é fundamental o acompanhamento de um médico psiquiatra ou neurologista. No caso desta intervenção para a criança com TEA o ideal é que seja um neuropediatra ou um psiquiatra infantil. Esse será o primeiro profissional responsável pela identificação de sintomas e diagnóstico.

Muitas vezes poderão ser solicitadas avaliações de fonoaudiólogos e psicólogos para que auxiliem nas observações diagnósticas, pois assim como já foi mencionado neste trabalho, a maior parte das características do TEA se encontram na comunicação, interação social e comportamento.

Conforme os sintomas apresentados pela criança com TEA e também levando-se em consideração a relação da família, a equipe multidisciplinar pode começar a ser definida.

- Neurologista ou psiquiatra: Normalmente é o primeiro profissional a entrar em contato com a criança com TEA e sua família. Ele deve identificar sintomas, realizar o acompanhamento dos tratamentos e definir medicações e dosagens quando necessário.
- Psicólogo (de base comportamental): Deve acompanhar a criança com TEA e sua família, orientando sobre dificuldades e progressos e auxiliando nas possíveis estratégias de tratamento.
- Pedagogo ou psicopedagogo: Auxilia nos processos de inclusão escolar e familiar, podendo produzir planos individuais de desenvolvimento, materiais e estratégias de aprendizado.
- Fonoaudiólogo: Trabalha com intervenções na área da linguagem e comunicação. Podendo atuar no estímulo à leitura, produção de textos e estímulos auditivos, fonéticos e faciais e comunicação alternativa.
- Terapeuta ocupacional: Atua no desenvolvimento e estímulo sensorial no que diz respeito às habilidades táteis, auditivas e visuais, auxiliando na progressão das habilidades motoras, integração sensorial e na autonomia do indivíduo.

- Fisioterapeuta ou educador físico: Atua no aperfeiçoamento de habilidades motoras e musculares, no tratamento comportamental e na inclusão social.

Não podemos esquecer que a constituição da equipe multidisciplinar se encontra na família uma grande importância durante toda a vida das crianças com TEA, visto que muitas vezes ela é a relação da família para que essa equipe multidisciplinar seja constituída e os atendimentos sejam mantidos ao longo da vida. Todos devem, portanto, receber acompanhamento e atenção especial nas intervenções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar pelo Transtorno do Espectro Autista (TEA) como temática para o desenvolvimento da minha monografia, me aproximei da realidade escolar em que atuo como professora auxiliar.

Deste modo, ao possuir clareza sobre a temática e os objetivos, busquei respostas para a minha pergunta de investigação: “Qual a relação da família nas aprendizagens das crianças em idade pré-escolar com o diagnóstico do TEA?”. Neste momento passei a realizar diversas leituras de obras e artigos referentes ao tema.

Se tratando do sujeito com TEA, se torna primordial o diálogo entre os envolvidos em seu processo de adaptação na sociedade, tendo em vista que essa relação dos profissionais com a família é fundamental para o desenvolvimento do autista, permitindo avanços significativos no âmbito social e educacional.

Compreendo que a relação da família da criança com TEA é, com base em Carothers e Taylor (2004), aumentar sua independência, a fim de proporcionar mais segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar sua qualidade de vida de crianças com TEA. Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa.

Com certeza é a família a primeira instituição ou estrutura com a qual a criança se relaciona logo que nasce. É dela que recebe amor e afeto, bem como a educação. A educação está confiada, em primeira instância, à família que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa. É a família que transmite os valores morais e sociais que permitirão a socialização da criança, assim como as tradições e costumes que são preservados pelas gerações.

É na família que a criança com TEA começa a trabalhar a sua autonomia, bem como a aceitação e das reais capacidades de desenvolvimento da mesma. A família deverá estar consciente e disponível para a ajudar nas tarefas escolares e outras tarefas do cotidiano, contribuindo, assim, para a sua segurança, auto estima e socialização.

É preciso que a família incentive a criança a se vestir sozinha, se servir, comer, beber, assim por diante. A participação dos pais é muito importante no processo de aprendizagem da criança com TEA são eles são responsáveis pelo incentivo ao convívio social.

Da análise de todas as informações recolhidas, concluímos que a família, da criança com TEA, poderá, através da diversificação de experiências, promover a aquisição de um elevado grau de autonomia, o que se vai refletir, positivamente, em todos os aspectos da vida.

A família é uma peça fundamental no tratamento da criança com autismo, ela está participando da convivência e contribuindo juntamente com a escola num processo de melhoria para a criança.

É necessário buscar informações dia após dia, para que todos nós, como sociedade, acolham este indivíduo com carinho, afeto, respeito, dignidade, entendendo as dificuldades como aluno e cidadão e que muitas vezes é necessário à intervenção de profissionais capacitados da área externa para auxiliar melhor este atendimento.

Com certeza a pesquisa em relação a esse tema não se encerra com essa monografia. Ainda existe muito que estudar e, com certeza, outros tópicos poderão ser investigados a partir desse estudo.

Pesquisar sobre a família da criança com TEA e seu papel foi desafiador. Não tenho receio em dizer que fui construindo muito conhecimento durante a elaboração da minha monografia, pois conhecendo o que é e o que pode ser o TEA, descobri novas possibilidades dentro da minha formação e da minha futura profissão como Pedagoga.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A; SCHWARTZMAN, J. S. **Transtorno do espectro do autismo**. São Paulo, 2011.
- BASSOTTO, Beatriz Catharina Messinger. **Escolarização e inclusão: narrativas de mães de filhos com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/3901>.
- BRITO, Elaine Rodrigues. **A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop - Mato Grosso**, Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82-91, jun./jul. 2015.
- BRITO, R. M. T. de. **QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa**. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa: UFPB, 2013.
- CAROTHERS, Douglas E. ; TAYLOR, Ronald L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004. Disponível em: http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64. Acesso em 17 de outubro de 2020 às 18h26min.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar- ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- DEMO, P. Pesquisa: **Princípios científicos e educativos**. 7. ed. São Paulo: Cortez 2000.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana de Cássia. **Vejo e Aprendo: Fundamentos do Programa TEACCH. O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo**. 1º edição. Book Toy, 2014.
- FONSECA, V. R. O tratamento dos transtornos autísticos. **Revista Psique Ciência e Vida**, v. 7, nº 98, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 176p, 2008.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão social: o que é? por quê? como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp. 12-20.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

ORRÚ, Silva Ester. **Trajetórias, avanços e desafios na concepção e educação de educandos com autismo.** In: ORRÚ, Silva (org.). Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética.** Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **A criança autista: um estudo psicopedagógico.** (org) – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ROGERS J. Sally, Dawson Geraldine, Vismara A. Laurie. **Autismo Compreender e agir em família.** A Division of Guilford Publications, Inc. 2012.

SERRA, Dayse C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos.** 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/DISSERTAO%20Dayse%20Carla%20G.%20Serra.pdf> (Acessado em 16 outubro de 2020).

SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; TRENTINI, Mercedes. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. de Enferm.** Maio/Jun.2002; 10(3).

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo,** Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

VASCONCELOS, Erivalda Cavalcante Mendes de. 2019. **Inclusão de crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) na escola regular.** Disponível em: <<https://www.fjn.edu.br/repositorioinstitucional/wp-content/uploads/2020/01/ArtigoErivalda-Cavalcante-Mendes-de-Vasconcelos.pdf>> . Acesso em: 05 mar. 2020.

APÊNDICE A

Autor	Título	Ano	Destaque
Aline Beatriz Silva Feltrin	Relações familiares e habilidades sociais de irmãos de indivíduos com transtorno do espectro autístico: estudo comparativo	2007	Deste estudo consistiu em avaliar, através de relato verbal, as habilidades sociais e as interações familiares de crianças que possuem um irmão com TEA, buscando investigar a influência do convívio com um irmão especial, comparando com crianças que possuem um irmão com desenvolvimento típico. Participaram do trabalho 10 crianças com idades entre sete e 12 anos, de ambos os sexos, as quais foram divididas em dois grupos: 1) indivíduos com desenvolvimento típico que têm um irmão com TEA e, 2) indivíduos com desenvolvimento típico que têm irmãos sem nenhuma deficiência diagnosticada.
Milene Rossi Pereira Barbosa	Suporte social e qualidade de vida em famílias de	2010	O autismo, classificado como Transtorno Global

	crianças de espectro autístico		<p>do Desenvolvimento, é descrito pela American Psychiatric Association como um complexo conjunto de inabilidades, as quais afetam a comunicação, o comportamento e a interação social dos indivíduos. As evidências sugeridas, de que os pais das crianças autistas tenham um risco consideravelmente aumentado de experimentar dificuldades psicológicas, estão totalmente relacionadas à ajuda que estes recebem. Outro fato importante que se dá com a associação entre o comportamento da criança e a aflição materna é a situação econômica enfrentada pelas famílias e pelos níveis baixos de suporte recebido que, quando adequado, pode proporcionar melhor adaptação e aceitação.</p> <p>Objetivos: verificar o suporte social formal e informal disponibilizado para</p>
--	--------------------------------	--	---

			as famílias com crianças e adolescentes com diagnósticos inseridos no espectro autístico nas situações de atendimento ambulatorial e institucional e a qualidade de vida informada/percebida por elas.
Vivian de Campos Valino	Comunicação e qualidade de vida em famílias de crianças com distúrbio do espectro do autismo	2013	Investigar a relação entre qualidade de vida e dificuldades na comunicação relatadas pelos familiares de crianças com diagnóstico inserido nos Distúrbios do Espectro do Autismo (DEA) em comparação com os familiares de crianças com outros Distúrbios do Desenvolvimento. Métodos: Participaram do estudo 100 familiares de crianças com Distúrbios do Desenvolvimento. Responderam ao Questionário de Levantamento de Dificuldades Comunicativas de Pais de Crianças do Espectro do Autismo, ao Perfil Funcional da Comunicação - Checklist e ao o

			<p>Questionário World Health Organization Quality of Life - Bref. Resultados: Familiares de crianças com Distúrbio do Espectro do autismo não apresentam qualidade de vida diminuída em relação aos pais de crianças com outros distúrbios do desenvolvimento, porém as dificuldades na qualidade de vida descrita pelos familiares parecem estar relacionadas com questões de impressão quanto a eles próprios e com questões da impressão das outras pessoas em relação às suas crianças. Essas crianças também apresentaram maior uso dos meios comunicativos e de atos comunicativos mais interpessoais. Discussão: Apesar do maior uso dos meios comunicativos e dos atos comunicativos mais interpessoais por parte das crianças DEA, os pais ainda relatam as maiores dificuldades no questionário de dificuldade</p>
--	--	--	--

			<p>comunicação. Isso pode acontecer porque o questionário abrange não só questões de dificuldade de comunicação, mas também questões quanto ao comportamento e da interação da criança com os familiares e outras pessoas.</p> <p>Conclusão: Existem reflexos específicos dos DEA em suas famílias, que parecem não estar associadas ao perfil funcional da comunicação.</p>
Mariana Valente Teixeira da Silva	Trajetórias escolares de alunos com transtorno do espectro autista e expectativas educacionais das famílias.	2014	<p>Por consistir em um transtorno que resulta em quadros severos e persistentes, com variações individuais, o TEA causa impacto relevante nas famílias, que precisam adaptar planos e expectativas às condições de desenvolvimento da criança, inclusive aqueles relacionados à escolarização. Devido a essas mesmas características, a</p>

			<p>inclusão desses indivíduos na escola regular torna-se difícil. O presente estudo tem como objetivo estudar a escolarização dos sujeitos com TEA no município de Campinas. Trata-se de um estudo descritivo que analisou os microdados do Censo Escolar do INEP, de 2009 a 2012, buscando identificar os alunos com TEA matriculados no município, bem como mapear as trajetórias de escolarização dos alunos com Autismo, por consistir no grupo mais numeroso dentre os que compõem o TEA. Também foram entrevistados 18 familiares de sujeitos com TEA que frequentavam uma instituição especializada do município, para conhecer as percepções das famílias em relação à trajetória escolar desses sujeitos.</p>
Cristiane Soares Cabral	Relação família-escola no contexto da inclusão escolar de crianças com	2014	A presente dissertação teve como objetivo investigar a relação

	Transtorno do Espectro Autista		<p>entre a família e a escola frente ao processo de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ela encontra-se composta por dois estudos organizados no formato de artigos. O primeiro deles apresenta uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional sobre a inclusão escolar de crianças com TEA, atentando para o período e periódico da publicação, os temas investigados e as escolhas metodológicas. Foram analisados 25 estudos nacionais, publicados entre 1998 e 2014, localizados nas bases LILACS, BVS, SCIELO e Portal de Periódicos da CAPES, que consideram os temas: a escola frente ao processo de inclusão da criança com TEA, formação e atuação do professor na inclusão escolar, formação e atuação do psicólogo no âmbito da inclusão</p>
--	--------------------------------	--	--

			escolar e inclusão e desenvolvimento da criança com TEA no contexto escolar.
Tatiane Pinto Rodrigues	RELAÇÕES FAMILIARES E A ESCOLARIZAÇÃO DE IRMÃOS ADOLESCENTES DE PESSOAS COM TEA	2015	Conforme a literatura, as influências de possuir um irmão com TEA na família pode trazer implicações tanto positivas quanto negativas para as relações fraternas. Os estudos revisados apontam, entre outros, que irmãos adolescentes de pessoas com TEA podem ter o processo de escolarização influenciado por questões familiares, como estresse, raiva, superproteção e escassez de cuidados, porém poucas pesquisas têm se dedicado a esta especificidade. Portanto, A presente dissertação investigou as relações familiares e a escolarização de irmãos adolescentes de pessoas com TEA a partir do ponto de vista dos irmãos, mães e professores dos alunos com TEA. Trata-se de um estudo

			<p>qualitativo, realizado através de um delineamento de estudo de casos múltiplos em que participaram três irmãos adolescentes de pessoas com TEA que frequentam a rede estadual de ensino de Santa Maria, RS, e suas mães e professores. Os resultados encontrados mostram que os irmãos apresentam dificuldades de interação social com colegas e amigos, assim como uma alta exigência para com seu desempenho escolar e familiar, assumindo responsabilidades com relação ao futuro para além do seu papel como irmão. Apesar do alto desempenho escolar constatado, o isolamento social familiar pode contribuir para a vulnerabilidade desta população.</p>
Ana Carla Vieira	Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares	2016	<p>Mas como os familiares assumem a educação sexual de seus filhos com TEA/SA? O que pensam sobre a</p>

			<p>sexualidade deles?</p> <p>Para responder essas questões, a presente pesquisa, do tipo qualitativa-descritiva, teve</p> <p>por objetivo investigar as opiniões e ações de sete mães sobre a sexualidade de seus</p> <p>filhos com TEA/SA com idades entre 10 e 22 anos.</p>
Jéssica Jaíne Marques de Oliveira	INTERVENÇÃO CENTRADA NA FAMÍLIA: INFLUÊNCIA NAS HABILIDADES COMUNICATIVAS E INTERATIVAS DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E NO EMPODERAMENTO PARENTAL	2016	<p>A inclusão da família como parte imprescindível da intervenção a coloca como um agente ativo, atuando ao lado dos profissionais a favor do desenvolvimento do filho. Para tanto, torna-se necessário que os pais recebam informações específicas sobre intervenção e autismo, apropriando-se destes saberes. O empoderamento familiar tem sido a terminologia utilizada para designar essa capacidade contínua para agirem em seu próprio benefício, visando a alcançar maior controle sobre suas vidas e</p>

			destinos. Neste sentido, a literatura tem mostrado que o empoderamento familiar encontra-se fortemente associado aos avanços nas intervenções com crianças com deficiência, destacando sua importância para sua efetividade.
Marcella Cesaretti Borilli	Qualidade de vida de famílias que têm filhos com deficiência intelectual leve associada ao transtorno do espectro do autismo leve	2020	Deficiência intelectual (DI) e transtorno do espectro do autismo (TEA) são distúrbios do desenvolvimento infantil frequentemente concomitantes que impactam na dinâmica e na qualidade de vida familiar.